



- Agenda
- Censo
- Estatuto
- Legislação
- Outros Links
- Quem somos
- Informativos
- Fale Conosco

A Recuperação da Educação Ocidental (09/08/2005 - 16:53)

Numa análise da crise na educação brasileira, sobretudo no ensino superior, em que se busca uma reforma do próprio sistema, é possível pensar que o verdadeiro foco da reforma não é nada menos do que a recuperação da educação ocidental.

Douglas Wilson, autor do clássico *Recovering the Lost Tools of learning*, aponta a urgência no resgate de valores e virtudes, que possam ser considerados universais para a formação do caráter do homem, para além do mero desenvolvimento de habilidades e assimilação de conteúdos.

Para Debiasi, Educar, cada vez mais se define como a arte do transmitir, juntamente com os bons conhecimentos, a razão e o sentido do viver. Nesta perspectiva não se foca apenas nos aspectos cognitivos. Conhecimento e vida se entrelaçam, se definem e se completam.

Na leitura que se faz do homem do nosso século, registramos as inúmeras conquistas e a multiplicidade do conhecimento em todos os campos da atuação humana, contudo carente de visão e de valores verdadeiros, se torna impotente em sua ação de transformação. Nesta perspectiva, ou seja, propiciando ao homem a formação de um caráter firme é que a educação se tornará o caminho para um desenvolvimento sustentável. Jamais será o resultado apenas do acúmulo de conhecimentos por mais amplos e completos que estes sejam, como simplesmente não acontecerá pela presença de decretos e de sistemas educativos, ou nem apenas será fruto de posses e do bem estar social para todos. Em primeiro lugar é preciso haver transformação no coração das pessoas, para depois se tornar realidade no meio em que vivemos, no sistema educacional, na Pátria e no mundo.

Para transmitirmos a vida com suas razões de ser e de existir, não bastará apenas sermos peritos em conhecimentos, mas acima de tudo, se faz necessário sermos peritos em humanidades e apaixonados pela vida. Isto nos impulsiona e nos desafia para uma nova reflexão, buscando ver, se apenas entendemos de educação, ou se na verdade, nós próprios com nossos conhecimentos e com nossa vida, somos educadores. Hoje, ao refletirmos sobre uma educação fundamentada na cosmovisão cristã, não temos por objetivo pensar um novo sistema de educação que responda apenas às aspirações de nossos tempos. Trata-se acima de tudo de vermos se somos esta própria educação que queremos ensinar e transmitir. O mundo atual está cansado e mesmo decepcionado do discurso, das promessas, dos sistemas, quer mais vida, quer valores, exige o testemunho.

Em outro artigo publicado pela Revista Linha Direta, em 2004, pontuei exatamente isso: Vitórias sociais e organizacionais, raras vezes, precedem as pessoais. As pessoas acabam seguindo o que vêem mais do que o que ouvem. A força de um processo educativo novo e transformador, não se situará somente numa simples cosmovisão dos conhecimentos cristãos, mas acima de tudo, se situará numa cosmovisão associada a uma conduta ética e a uma ação coerente tanto do educador, quanto das instituições educacionais e de quem constrói o sistema educacional no país.

A universidade é em si, o espaço onde são formados ou estão inseridos os formadores de opinião. Diante da crise ética que presenciamos no cenário social e político do país, concluímos que a reforma educacional que pretendemos, extrapola as questões que são pauta de discussão no MEC. Só formaremos o homem integral com a visão de que nada adiantará informar a mente, mas não formar o caráter. Pontuo aqui a necessidade de formação não apenas do aluno, mas, sobretudo do educador.

Para Gabriele Greggersen, Pós-Doutora em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, IEA-USP, a livre disposição para ouvir e dar ouvidos à verdade, tão necessária para professores e alunos, principalmente aos que convivem em um meio acadêmico, é uma virtude essencial, inclusive para o pesquisador. A postura de escuta nos condiciona a aprender com o outro, mudando não apenas o discurso, mas também a prática que é o aparato capaz de nos levar a influenciar gerações e impactar positivamente a sociedade.

O processo de formação permanente não é pontual, mas gradativo e processual. No início é preciso ter coragem para ousar e querer mudar. Para tanto é preciso estar motivado para abraçar uma nova prática, rever valores pessoais e profissionais. Redescobrir o seu senso de destino como educador e missão no mundo. É uma ação planejada e não aleatória. Quem sabe onde quer chegar certamente poderá contribuir de melhor forma com o processo educativo. Um programa de formação de educadores para o ensino superior haverá de contemplar os grandes problemas que enfrentamos hoje: a ausência de um grande norte capaz de gerar uma linguagem comum, a massificação, a heterogeneidade, a incapacidade de saber trabalhar com as diferenças, a fragmentação do conhecimento, o excessivo academicismo, a postura impositiva de alguns educadores e em especial a clareza no cotidiano da instituição e nas práticas que permeiam o processo ensino-aprendizagem. Nossos alunos e educadores só darão bons frutos se forem alimentados. A resposta de mudanças que almejamos só virá se houver investimento em programas que possam reconstruir essa linguagem genuinamente cristã no campo da educação, que não se conforma com dilemas do presente século, mas que se transforma pela renovação do modo de pensar.

Maria Carmem é Consultora para o Ensino Superior da Revista Linha Direta e Diretora da Gênese Consultoria Educacional

Contatos: mariacarmem@linhadireta.com.br ou (31) 9983-9447

Por Maria Carmem Tavares Christóvam

SEPN - Quadra 516, Conjunto D (Prédio do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB)
CEP: 70.770-524 - Brasília-DF - Telefax: (61) 349-3300/347-4951

Tecnologia  WebAdvisor